

Gloria Anzaldúa

La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência

Por la mujer de mi raza
hablará el espíritu.¹

Capítulo do livro *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, publicado originalmente por Aunt Lute Books (San Francisco, California, 1987).

¹ Essa é a minha própria adaptação da idéia de Jose Vasconcelos (VASCONCELOS, 1961).

² VASCONCELOS, 1961.

Jose Vasconcelos, filósofo mexicano, vislumbrou *una raza mestiza, una mezcla de razas afines, una raza de color – la primera raza síntesis del globo*. Chamou-a de raça cósmica, *la raza cósmica*, uma quinta raça, abarcando as quatro raças principais do mundo.² Em oposição à teoria da raça ariana pura, e à política de pureza racial praticada pela América branca, sua teoria é de inclusão. Na confluência de duas ou mais cadeias genéticas, com os cromossomos constantemente ultrapassando fronteiras, essa mistura de raças, em vez de resultar em um ser inferior, gera uma prole híbrida, uma espécie mutável, mais maleável, com uma rica carga genética. A partir dessa “transpolinização” racial, ideológica, cultural e biológica, uma consciência outra está em formação – uma nova consciência *mestiza, una conciencia de mujer*. Uma consciência das Fronteiras.

Una lucha de Fronteras / Uma luta de Fronteiras

Porque eu, uma *mestiza*,
continuamente saio de uma cultura
para outra,
porque eu estou em todas as culturas ao mesmo tempo,
alma entre dos mundos, tres, cuatro,
me zumba la cabeza con lo contradictorio.
Estoy norteada por todas las voces que me hablan
simultáneamente.

A ambivalência proveniente do choque de vozes resulta em estados mentais e emocionais de perplexidade. A contenda interior resulta em insegurança e indecisão. A personalidade dupla ou múltipla da *mestiza* é assolada por uma inquietude psíquica.

Em um estado constante de *nepantlismo* mental, uma palavra asteca que significa partido ao meio, *la mestiza* é um produto da transferência de valores culturais e espirituais de um grupo para outro. Ser tricultural, monolíngüe, bilingüe, ou multilingüe, falando um *patois*, e em um estado de transição constante, a *mestiza* se depara com o dilema das raças híbridas: a que coletividade pertence a filha de uma mãe de pele escura?

El choque de un alma atrapado entre el mundo del espíritu y el mundo de la técnica a veces la deja entullada. Nascida em uma cultura, posicionada entre duas culturas, estendendo-se sobre todas as três culturas e seus sistemas de valores, *la mestiza* enfrenta uma luta de carne, uma luta de fronteiras, uma guerra interior. Como todas as pessoas, percebemos a versão da realidade que nossa cultura comunica. Como outros/as que vivem em mais de uma cultura, recebemos mensagens múltiplas, muitas vezes contrárias. O encontro de duas estruturas referenciais³ consistentes, mas geralmente incompatíveis, causa um choque, uma colisão cultural.

Dentro de nós e dentro de *la cultura chicana*, crenças arraigadas da cultura branca atacam crenças arraigadas da cultura mexicana, e ambas atacam crenças arraigadas da cultura indígena. De forma subconsciente, vemos um ataque contra nós e nossas crenças como uma ameaça e tentamos bloqueá-lo com um posicionamento contrário.

Contudo, não é suficiente se posicionar na margem oposta do rio, gritando perguntas, desafiando convenções patriarcais, brancas. Um ponto de vista contrário nos prende em um duelo entre opressor e oprimido; fechados/as em um combate mortal, como polícia e bandido, ambos são reduzidos a um denominador comum de violência. O “contraposicionamento” refuta os pontos de vista e as crenças da cultura dominante e, por isso, é orgulhosamente desafiador. Toda reação é limitada por, e subordinada à, aquilo contra o qual se está reagindo. Porque o “contraposicionamento” brota de um problema com autoridade – tanto externa como interna – representa um passo em direção à liberação da dominação cultural. Entretanto, não é um meio de vida. A uma determinada altura, no nosso caminho rumo a uma nova consciência, teremos que deixar a margem oposta, com o corte entre os dois combatentes mortais cicatrizado de alguma forma,

³Arthur Koestler criou o termo “bissociação” (*bisociation*) (Albert ROTHENBERG, 1979, p. 12).

a fim de que estejamos nas duas margens ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, enxergar tudo com olhos de serpente e de águia. Ou talvez decidamos nos desvencilhar da cultura dominante, apagá-la por completo, como uma causa perdida, e cruzar a fronteira em direção a um território novo e separado. Ou podemos trilhar uma outra rota. As possibilidades são inúmeras, uma vez tenhamos decidido agir, em vez de apenas reagir.

Tolerância à ambigüidade

Essas inúmeras possibilidades deixam *la mestiza* à deriva em mares desconhecidos. Ao perceber informações e pontos de vista conflitantes, ela passa por uma submersão de suas fronteiras psicológicas. Descobre que não pode manter conceitos ou idéias dentro de limites rígidos. As fronteiras e os muros que devem manter idéias indesejáveis do lado de fora são hábitos e padrões de comportamento arraigados; esses hábitos e padrões são os inimigos internos. Rigidez significa morte. Apenas mantendo-se flexível é que ela consegue estender a psique horizontal e verticalmente. *La mestiza* tem que se mover constantemente para fora das formações cristalizadas – do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental), para um pensamento divergente,⁴ caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui em vez de excluir.

⁴ Em parte, minhas definições de pensamento "convergente" e "divergente" foram inspiradas por ROTHENBERG, 1979, p. 12-13.

A nova *mestiza* enfrenta tudo isso desenvolvendo uma tolerância às contradições, uma tolerância às ambigüidades. Aprende a ser uma índia na cultura mexicana, a ser mexicana de um ponto de vista anglo-americano. Aprende a equilibrar as culturas. Tem uma personalidade plural, opera em um modo pluralístico – nada é posto de lado, o bom, o ruim e o feio, nada é rejeitado, nada abandonado. Não apenas sustenta contradições como também transforma a ambivalência em uma outra coisa.

Ela pode ser jogada para fora da ambivalência por um acontecimento emocional intenso e, geralmente, doloroso, que inverte ou resolve a ambivalência. Não estou certa exatamente como. É uma atividade que acontece subconscientemente. É uma atividade feita pela alma. Aquele fulcro ou ponto específico, aquela junção onde se situa a *mestiza*, é onde os fenômenos tendem a colidir. É onde ocorre a possibilidade de unir tudo o que está separado. Essa união não se trata da mera junção de pedaços partidos ou separados. Muito menos se trata de

um equilíbrio entre forças opostas. Ao tentar elaborar uma síntese, o *self* adiciona um terceiro elemento que é maior do que a soma de suas partes separadas. Esse terceiro elemento é uma nova consciência – uma consciência *mestiza* – e, apesar de ser uma fonte de dor intensa, sua energia provém de um movimento criativo contínuo que segue quebrando o aspecto unitário de cada novo paradigma.

En unas pocas centúrias, o futuro pertencerá à *mestiza*. Porque o futuro depende da quebra de paradigmas, depende da combinação de duas ou mais culturas. Criando um novo *mythos* – ou seja, uma mudança na forma como percebemos a realidade, na forma como nos vemos e nas formas como nos comportamos – *la mestiza* cria uma nova consciência.

O trabalho da consciência *mestiza* é o de desmontar a dualidade sujeito–objeto que a mantém prisioneira, e o de mostrar na carne e através de imagens no seu trabalho como a dualidade pode ser transcendida. A resposta para o problema entre a raça branca e a de cor, entre homens e mulheres, reside na cicatrização da divisão que se origina nos próprios fundamentos de nossas vidas, nossa cultura, nossas línguas, nossos pensamentos. Extirpar de forma massiva qualquer pensamento dualista no indivíduo e na consciência coletiva representa o início de uma longa luta, que poderá, com a melhor das esperanças, trazer o fim do estupro, da violência, da guerra.

La encrucijada / A encruzilhada

Uma galinha está sendo sacrificada
 numa encruzilhada, um simples monte de terra
 Um templo de lama para *Exu*,
Yoruba deus da indeterminação,
 que abençoa sua escolha por um caminho.
 Ela inicia sua jornada.

Su cuerpo es una bocacalle. La mestiza deixou de ser o bode expiatório para se tornar a sacerdotisa mor nas encruzilhadas.

Como *mestiza*, eu não tenho país, minha terra natal me despejou; no entanto, todos os países são meus porque eu sou a irmã ou a amante em potencial de todas as mulheres. (Como uma lésbica não tenho raça, meu próprio povo me rejeita; mas sou de todas as raças porque a *queer*⁵

⁵ Nota da tradutora: a palavra inglesa *queer*, ao longo da história, tem sido usada de diversas maneiras: para se referir a algo estranho; ou a traços negativos de uma outra pessoa, como a loucura ou qualquer deficiência. Na atualidade, além de ter-se tornado um sinônimo mais carinhoso de homossexualidade, tem sido reapropriada também por outras minorias, a fim de esvaziá-la de sua carga semântica historicamente negativa, passando a denotar e a ressaltar os aspectos positivos de todas as formas de diferenças. Continuarei usando a palavra em inglês, por falta de termo similar na língua portuguesa.

em mim existe em todas as raças.) Sou sem cultura porque, como uma feminista, desafio as crenças culturais/religiosas coletivas de origem masculina dos indo-hispânicos e anglos; entretanto, tenho cultura porque estou participando da criação de uma outra cultura, uma nova história para explicar o mundo e a nossa participação nele, um novo sistema de valores com imagens e símbolos que nos conectam um/a ao/à outro/a e ao planeta. *Soy un amasamiento*, sou um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados.

Somos o povo que salta no escuro, somos o povo no colo dos deuses. Na nossa própria carne, a (r)evolução resolve o choque de culturas. Enlouquece-nos constantemente, mas, se o centro se mantém, teremos feito algum tipo de avanço evolutivo. *Nuestra alma el trabajo*, a obra, o grande trabalho alquímico; *mestizaje* espiritual, uma “morfogênese”,⁶ um desdobramento inevitável. Tornamo-nos o movimento acelerado da serpente.

Índigena como o milho, como o milho, a *mestiza* é um produto híbrido, desenhado para sobreviver nas mais variadas condições. Como uma espiga de milho – um órgão feminino produtor de semente – a *mestiza* é tenaz, firmemente amarrada às cascas de sua cultura. Agarra-se ao sabugo como os grãos; com caules grossos e raízes fortes, ela se prende à terra – ela sobreviverá à encruzilhada.

*Lavando y remojando el maíz em agua de cal, despojando el pellejo. Moliendo, mixteando, amasando, haciendo tortillas de masa.*⁷ Ela mergulha o milho no óxido de cálcio, ele incha, fica macio. Com um rolo de pedra sobre *metate*, ela tritura o milho várias vezes. Mistura e molda a massa, transforma as bolas de massa em *tortillas*.

Somos a rocha porosa no *metate* de pedra agachadas no chão.

Somos o rolo compressor, *el maíz y agua, la masa harina. Somos el amasijo.*

Somos lo molido en el metate.

Somos o *comal* fervente, a *tortilla* quente, a boca faminta.

Somos a rocha bruta.

Somos o movimento de moer, a poção misturada, *somos el molcajete.*

Somos o pilão, o *comino, ajo, pimienta,*

Somos o *chile colorado,*

o broto verde que rompe a rocha.

Nós persistiremos.

⁶ Aqui, tomo emprestada a teoria do químico Ilya Prigogine sobre “estruturas dissipáveis” (*dissipative structures*). Prigogine descobriu que as substâncias não interagem de maneira previsível como a ciência ensinava, mas sim de maneiras diferentes e flutuantes, para produzirem estruturas novas e mais complexas, uma espécie de nascimento, ao qual chamou de “morfogênese”, que cria inovações imprevisíveis (Harold GILLIAN, 1981, p. 23).

⁷ *Tortillas de masa harina*: existem dois tipos de *tortillas* de milho, a macia e uniforme, feita em uma prensa apropriada e, normalmente, vendida nas fábricas de *tortillas* ou nos supermercados, e as *gorditas*, feitas misturando-se a *masa* com gordura animal ou vegetal ou manteiga (minha mãe às vezes coloca pedaços de bacon ou *chicharrones*).

El camino de la mestiza / O caminho da mestiza

Pega no meio de uma contração repentina, a respiração cortada e o espaço vazio, a mulher marrom pára, olha para o céu. Decide descer, escavando seu caminho ao longo das raízes das árvores. Peneirando os ossos, sacode-os para ver se tem algum tutano neles. Então, leva a terra à sua frente, à sua língua, pega alguns ossos, deixa o resto nos seus túmulos.

Examina sua mochila, fica com seu diário e agenda, joga fora os mapas do metrô. As moedas são pesadas, e são as próximas a serem descartadas, em seguida as notas de um dólar flutuam no ar. Mantém sua faca, abridor de latas e lápis de sobrançelha. Coloca ossos, pedaços de casca de árvore, *hierbas*, penas de águia, couro de cobra, gravador, a matraca e o tambor na sua mochila e parte para se tornar a completa *tolteca*.⁸

⁸ Gina VALDÉS, 1982, p. 2.

Seu primeiro passo é fazer um inventário. *Despojando, desgranando, quitando paja*. Exatamente o que ela herdou de seus ancestrais? Esse peso nas suas costas – qual a bagagem de sua mãe índia, qual a bagagem de seu pai espanhol, qual a bagagem dos anglos?

Pero es difícil diferenciar entre *lo heredado, lo adquirido, lo impuesto*. Ela põe a história em uma peneira, separa as mentiras, observa as forças das quais nós enquanto raça, enquanto mulheres, temos sido parte. *Luego bota lo que no vale, los desmientos, los desencuentos, el embrutecimiento. Aguarda el juicio, hondo y enraizado, de la gente antigua*. Esse passo representa uma ruptura consciente com todas as tradições opressivas de todas as culturas e religiões. Ela comunica essa ruptura, documenta a luta. Reinterpreta a história e, usando novos símbolos, dá forma a novos mitos. Adota novas perspectivas sobre as mulheres de pele escura, mulheres e *queers*. Fortalece sua tolerância (e intolerância) à ambigüidade. Ela está disposta a compartilhar, a se tornar vulnerável às formas estrangeiras de ver e de pensar. Abre mão de todas as noções de segurança, do familiar. Desconstrói, constrói. Torna-se uma *nahual*, capaz de se

transformar em uma árvore, em um coioote, em uma outra pessoa. Aprende a transformar o pequeno “eu” no “eu” total. *Se hace moldeadora de su alma. Según la concepción que tiene de si misma, así será.*

Que no se nos olvide los hombres

“Tu no sirves pa’ nada –
não serves pra nada.
Eres pura vieja.”

“Você é nada mais que uma mulher” quer dizer que você é defeituosa. Seu oposto é ser *un macho*. O significado moderno da palavra “machismo”, assim como seu conceito, é, na verdade, uma invenção dos anglos. Para homens como o meu pai, ser “macho” significava ser forte o bastante para proteger e sustentar minha mãe e nós, ainda sendo capaz de demonstrar amor. O macho de hoje tem dúvidas sobre sua capacidade de alimentar e proteger sua família. Seu “machismo” é uma adaptação à opressão e à pobreza e à baixa auto-estima. É o resultado da dominação masculina hierárquica. Os anglos, sentindo-se inadequados e inferiores e sem poder, deslocam ou transferem esses sentimentos para os chicanos, envergonhando-os. No mundo gringo, o chicano sofre de uma humildade e de uma autonegação excessivas, vergonha de si e autodepreciação. Entre os latinos, ele sofre de uma sensação de inadequação lingüística e seu conseqüente desconforto; com os índios americanos, ele sofre de uma amnésia racial que ignora nosso sangue comum, e de culpa, porque a sua parte espanhola tomou suas terras e os oprimiu. Ele tem uma *hubris* compensatória excessiva quando está entre os mexicanos do outro lado. Encobre um sentimento profundo de vergonha racial.

A perda de um sentido de dignidade e respeito no macho gera um machismo falso que o leva a diminuir as mulheres e até a brutalizá-las. Com seu comportamento sexista coexiste um amor pela mãe, que tem precedência sobre o amor por todas as outras. Filho devotado, porco chauvinista. Para lavar a vergonha de seus atos, do seu próprio ser, e para lidar com o bruto no espelho, ele se entrega à bebida, às drogas e às brigas.

Apesar de ‘entendermos’ as origens do ódio e do medo masculinos, e a subseqüente violência contra as mulheres, nós não desculpamos, não perdoamos, e não

iremos mais tolerar. Dos homens de nossa raça exigimos admissão/reconhecimento/revelação/testemunho de que eles nos ferem, violam-nos, têm medo de nós e de nosso poder. Precisamos que digam que vão começar a eliminar suas formas dolorosas de nos diminuir. Porém, mais do que palavras, exigimos ações. Dizemos a eles: iremos adquirir poderes iguais aos de vocês e daqueles que nos humilharam.

É imperativo que as *mestizas* apoiem umas às outras no processo de mudança dos elementos sexistas na cultura índio-mexicana. Enquanto as mulheres forem diminuídas, o/a índio/a e o/a negro/a em todos/as nós são diminuídos/as. A luta da *mestiza* é, acima de tudo, uma luta feminista. Enquanto *los hombres* pensarem que têm que *chingar mujeres* e uns aos outros para serem homens, enquanto forem ensinados que são superiores e, portanto, culturalmente favorecidos em relação a *la mujer*, enquanto ser uma *vieja* for motivo de escárnio, não poderá haver uma cura real de nossas psiques. Estamos no meio do caminho – temos tanto amor à Mãe, à boa mãe. O primeiro passo é desaprender a dicotomia *puta/virgen* e enxergar *coatlallopeuh-Coatlícue* na Mãe, *Guadalupe*.

A ternura, um sinal de vulnerabilidade, é tão temida que é despejada nas mulheres com violência e golpes verbais. Os homens, até mais que as mulheres, estão acorrentados a papéis de gênero. As mulheres, ao menos, tiveram a coragem de romper com a sujeição. Apenas os homens gays tiveram a coragem de se expor à mulher dentro deles, e de desafiar o modelo corrente de masculinidade. Tenho encontrado pouquíssimos homens heterossexuais educados e amáveis, os primeiros de uma nova estirpe, mas estão confusos, e enredados em comportamentos sexistas que ainda não conseguiram erradicar. Precisamos de uma nova masculinidade e o novo homem precisa de um movimento.

Confundir os homens que se desviam da norma geral com o homem, o opressor, é uma grave injustiça. *Asombra pensar que nos hemos quedado en ese pozo oscuro donde el mundo encierra a las lesbianas. Asombra pensar que hemos, como feministas y lesbianas, cerrado nuestros corazones a los hombres, a nuestros hermanos los jotos, desheredados y marginales como nosotros.* Por serem os/as maiores cruzadores/as de fronteiras, os/as homossexuais têm laços fortes com os *queer* brancos, negros, asiáticos, ameríndios, latinos, e com os *queers* na Itália, na Austrália, e no resto do planeta. Vimos em todas as cores, todas as classes, todas as raças, todas as épocas. Nosso papel é o

de conectar as pessoas entre si – os/as negros/as com os/as judeus/ias com os/as índios/as com os/as asiáticos/as com os/as brancos/as com os/as extraterrestres. Isso é transferir idéias e informação de uma cultura para outra. Homossexuais de cor têm mais conhecimento de outras culturas; já que sempre estiveram na linha de frente (apesar de, muitas vezes, no armário) de todas as lutas pela liberação nesse país; têm sofrido mais injustiças e têm sobrevivido a todas, apesar das dificuldades. Os chicanos precisam reconhecer as contribuições artísticas e políticas dos seus *queers*. Povo escute o que sua *jotería* está dizendo.

O *mestizo* e o *queer* existem nessa época e nesse ponto do *continuum* evolucionário com um objetivo. Somos uma mistura que prova que todo sangue é intrincadamente ligado entre si, e que somos crias de almas similares.

Somos una gente

Hay tantísimas fronteras
que dividen a la gente,
pero por cada frontera
existe también un puente.

– Gina Valdés

Lealdades Divididas. Muitas mulheres e homens de cor não querem ter nenhuma relação com pessoas brancas. Leva muito tempo e energia para explicar às mulheres brancas de classe média que não há problema em nós querermos ter 'bens', nunca tendo tido móveis bons nos nossos chãos batidos, nem 'luxos' como máquinas de lavar. Muitas acreditam que os/as brancos/as devem ajudar seu povo a se livrar, primeiro, do ódio e do medo raciais. Eu, por mim, escolho usar minhas energias como mediadora. Acredito que precisamos permitir que os/as brancos/as sejam nossos aliados/as. Através de nossa literatura, arte, *corridos* e contos populares temos que compartilhar nossa história com elas/eles, para que, quando organizarem comitês para ajudar os navajos ou os agricultores chicanos ou *los nicaragüenses*, não rejeitem algumas pessoas por causa de seus medos e ignorância raciais. Elas/eles entenderão que não estão nos ajudando, mas seguindo a nossa liderança.

Individualmente, mas também enquanto uma entidade racial, precisamos verbalizar nossas necessidades.

Precisamos dizer à sociedade branca: precisamos que vocês aceitem o fato de que os/as chicanos/as são diferentes, que reconheçam a forma como nos negam e rejeitam. Precisamos que vocês admitam o fato de que nos viam como seres inferiores, que nos roubaram nossas terras, nossa humanidade, nosso amor-próprio. Precisamos que vocês nos compensem publicamente: que digam que, para compensar seus próprios defeitos, vocês lutam para terem poder sobre nós, vocês apagam nossa história e nossa experiência, porque lhes fazem sentir culpados – preferem esquecer seus atos de brutalidade. Que digam que se separam das minorias, que nos desconhecem, que suas consciências duplas separam partes de vocês, transferindo o lado ‘negativo’ para nós. (Onde há perseguição das minorias, há projeção de sombras. Onde há violência e guerra, há repressão da sombra.) Que digam que têm medo de nós, que, para se distanciarem de nós, usam máscaras de desprezo. Que admitam que o México é o seu outro, que ele existe na sombra desse país, que somos irrevogavelmente ligados a ele. Gringos, aceitem o duplo das suas psiques. Ao aceitarem de volta suas sombras coletivas, a divisão intracultural será cicatrizada. E finalmente, digam-nos o que precisamos de nós.

Por tuas faces verdadeiras nós te conheceremos

Sou visível – vejam esse rosto índio – no entanto, sou invisível. Tanto lhes deixo cegos com meu nariz adunco como sou seu ponto cego. Mas existo, nós existimos. Gostariam de acreditar que eu fui derretida no caldeirão. Mas não fui, nós não fomos.

A cultura branca dominante está nos matando devagar com sua ignorância. Ao nos destituir de qualquer autodeterminação, deixou-nos fracas/os e vazias/os. Como um povo temos resistido e ocupado posições cômodas, mas nunca nos foi permitido desenvolver-nos sem restrições – nunca nos foi permitido sermos nós mesmas/os completamente. Os brancos no poder querem que nós, povos de cor, construamos barricadas atrás dos muros separados de nossas tribos, de maneira que possam nos apanhar um de cada vez com suas armas escondidas; de maneira que possam cair e distorcer a história. A ignorância divide as pessoas, cria preconceitos. Um povo mal-informado é um povo subjugado.

Antes que as/os chicanas/os e as/os trabalhadoras/es ilegais e as/os mexicanas/os do outro lado possam se

unir, antes que as/os chicanas/os possam se unir a americanas/os nativas/os e de outros grupos, precisamos conhecer a história de suas lutas e elas/es precisam conhecer a nossa. Nossas mães, nossas irmãs e irmãos, os rapazes que ficam nas esquinas, as crianças nos parques, cada um de nós devemos conhecer a nossa linhagem indígena, nossa *mestisaje*-afro, nossa história de resistência.

Temos que estender a nossa história ao imigrante *mexicano* e às/aos recém-chegadas/os. Os 80 milhões de *mexicanos* e as/os latinas/os da América Central e do Sul precisam conhecer as nossas lutas. Cada uma/um de nós precisa conhecer fatos básicos sobre a Nicarágua, Chile e o resto da América Latina. O movimento latinista (chicanas/os, porto-riquenhas/os, cubanas/os e outros povos de língua espanhola trabalhando juntos para combater a discriminação racial no mercado) é bom, mas não é suficiente. A não ser uma cultura comum, não teremos nada que nos una. Precisamos nos encontrar em bases comuns mais amplas.

A luta é interior: chicano, *índio*, ameríndio, *mojado*, *mexicano*, imigrante latino, os anglos no poder, classe trabalhadora angla, negros, asiáticos – nossas psiques parecem-se com as cidades fronteiriças e são povoadas pelas mesmas pessoas. A luta sempre foi interior, e se dá em terrenos exteriores. Devemos adquirir consciência da nossa situação antes de podermos efetuar mudanças internas, que, por sua vez, devem preceder as mudanças na sociedade. Nada acontece no mundo “real” a menos que aconteça primeiro nas imagens em nossas mentes.

El Día de la Chicana

Não serei humilhada novamente
Nem me humilharei

Sou possuída por uma visão: que nós chicanas e chicanos recuperamos ou revelamos nossas faces verdadeiras, nossa dignidade e amor-próprio. É uma visão de validação.

Enxergando a chicana de forma nova, sob a perspectiva da sua história. Busco uma exoneração, uma visão através das ficções da supremacia branca, uma visão de nós mesmas/os em nossas aparências verdadeiras, e não como a personalidade racial falsa que nos foi imposta, e que nos impusemos. Busco nosso rosto de mulher, nossos traços verdadeiros, o positivo e o negativo vistos com clareza, livres dos preconceitos da dominação masculina.

Busco imagens novas de identidade, novas crenças sobre nós mesmas/os, com nossa humanidade e valor não mais sendo questionados.

Estamos viviendo en la noche da la Raza, un tiempo cuando el trabajo se hace a lo quieto, en lo oscuro. El día cuando aceptamos tal y como somos y para en donde vamos y porque – ese día será el día de la Raza. Yo tengo el compromiso de expresar mi visión, mi sensibilidad, mi percepción de la revalidación de la gente mexicana, su mérito, estimación, honra, aprecio, y validez.

No dia 2 de dezembro, quando meu sol entra na primeira casa, celebro *el Día de la Chicana y el Chicano*. Nesse dia, limpo meus altares, acendo minha vela *coatlalopeuh*, queimo sálvia e copal, tomo *el baño para espantar basura*, varro minha casa. Nesse dia, desnudo minha alma, faço-me vulnerável a amigas/os e família, expressando meus sentimentos. Nesse dia, afirmo quem nós somos.

Nesse dia, olho dentro de nossos conflitos e de nosso temperamento racial basicamente introvertido. Identifico nossas necessidades, e verbalizo-as. Reconheço que o “eu” e a raça têm sido feridos. Reconheço a necessidade de cuidar de nossas individualidades, de nosso “eu” racial. Nesse dia, reúno as partes espalhadas e rejeitadas de *la gente mexicana* e tomo-as em meus braços. *Todas las partes de nosotros valen.*

Nesse dia, digo, “Sim, todo o seu povo nos fere quando nos rejeita. A rejeição nos destitui de valor-próprio; nossa vulnerabilidade nos expõe à humilhação. A falta que vocês percebem é de nossa identidade inata. Ficamos envergonhadas/os de precisarmos da sua aprovação, de precisarmos da sua aceitação. Não podemos mais camuflar nossas necessidades, não podemos mais deixar que defesas e cercas cresçam ao nosso redor. Não podemos mais nos retirar. Sucumbir à fúria e olhar para vocês com desprezo é um ato de violência e desprezo contra nós mesmas/os. Não podemos mais pôr a culpa em vocês, tampouco rejeitar as partes brancas, as partes masculinas, as partes patológicas, as partes *queers*, as partes vulneráveis. Aqui estamos, sem armas e de braços abertos, trazendo apenas nossa mágica. Vamos tentar da nossa maneira, da maneira *mestiza*, da maneira chicana, da maneira da mulher”.

Nesse dia, busco nossa dignidade essencial enquanto um povo, um povo com um propósito – pertencer

a, e contribuir com, algo maior que o nosso *pueblo*. Nesse dia, busco recuperar e reformar minha identidade espiritual. *¡Anímate! Raza, a celebrar el día de la Chicana.*

El retorno

Todos os movimentos são realizados em seis estágios,
e o sétimo traz o retorno.
– I Ching⁹

⁹ Richard WILHELM, 1959, p. 98.

*Tanto tiempo sin verte casa mía,
mi cuna, mi hondo nido de la huerta.*
– “Soledad”¹⁰

¹⁰ “Soledad” é cantada pelo grupo Haciendo Punto en Otro Son.

Na margem do rio, observo a serpente que se arqueia e se enrosca, uma serpente presa à cerca onde a foz do Rio Grande desemboca no Golfo.

Voltei. *Tanto dolor me costó el alejamiento.* Protejo meus olhos e olho para cima. O bico ossudo de um falcão sobrevoa vagarosamente minha cabeça, examinando-me como uma carniça em potencial. No seu rastro, um pequeno pássaro bate suas asas, nadando, esporadicamente, como um peixe. À distância, a via expressa e o desespero do tráfego parecendo uma porca irritada. O repentino puxão nas minhas entranhas, *la tierra, los aguaceros.* Minha terra, *el viento soplando la arena, el lagartijo debajo de un nopalito. Me acuerdo como era antes. Una región desértica de vasta llanuras, costeras de baja altura, de escasa lluvia, de chaparrales formados por mesquites y huizaches.* Se olhar com muito esforço, posso quase ver os pais espanhóis, que eram chamados de “os cavaleiros de Cristo”, entrando por esse vale, montados em seus burros, posso ver o choque de culturas começar.

Tierra Natal. Esse é meu lar, as pequenas cidades do Vale, *los pueblitos* com galinheiros e bodes em cercados de galhos de arbustos (mesquite). *En las colonias* do outro lado da estrada, carros velhos se enfileiram nos jardins das casas ornamentadas de lavandas e cravos-rosa – o que chamamos, com constrangimento, de arquitetura chicana. Perdi os programas de TV em que os apresentadores falam em espanhol e inglês, e em que são dados prêmios na categoria música *Tex-Mex*. Perdi de ver os cemitérios mexicanos florescendo com flores artificiais, os campos de aloe-vera e pimenta vermelha, fileiras de cana-de-açúcar,

de milho pendurado nos talos, a nuvem de *polvareda* nas estradas de terra, deixadas por uma veloz camionete, *el sabor de tamales de rez y venado*. Perdi *la yegua colorada* roendo o portão de madeira de seu estábulo, o cheiro de carne de cavalo nos currais de Carito. *He hecho menos las noches calientes sin aire, noches de linternas y lechuzas* fazendo buracos na noite.

Ainda sinto o velho desespero quando olho para as casas de sobras de madeira, sem pintura, dilapidadas, consistindo, na sua maioria, de alumínio ondulado. Algumas das pessoas mais pobres nos Estados Unidos vivem no Vale do Baixo Rio Grande, uma terra árida e semi-árida, com lavoura irrigada, sol e calor intensos, pomares de frutas cítricas próximos a chaparrais e cactus. Atravesso pela escola primária, onde estudei há muito tempo, que continuava segregada até recentemente. Lembro como as/os professoras/es brancas/os costumavam nos punir por sermos mexicanas/os.

Como amo esse trágico vale do Sul do Texas, como Ricardo Sánchez costuma chamá-lo; essa fronteira entre Nueces e o Rio Grande. Essa terra sobreviveu à posse e ao mau uso por cinco países: Espanha, México, a República do Texas, os Estados Unidos, a Confederação, e os Estados Unidos novamente. Sobreviveu às contendas de sangue entre estadunidenses e mexicanos, linchamentos, incêndios, estupros, saques.

Hoje, vejo o Vale ainda lutando para sobreviver. Se vai conseguir ou não, jamais será como me recordo dele. A depressão nas fronteiras, desencadeada pela desvalorização do peso em 1982, no México, resultou no fechamento de centenas de negócios no Vale. Muitas pessoas perderam suas casas, carros, terras. Antes de 1982, os comerciantes dos Estados Unidos prosperavam nas vendas a varejo para mexicanas/os que cruzavam a fronteira para comprar mantimentos e roupas e utensílios. Enquanto as mercadorias no lado dos Estados Unidos ficaram 10, 100, 1.000 vezes mais caras para as/os compradoras/es mexicanas/os, no lado mexicano, ficaram 10, 100, 1.000 vezes mais baratas para as/os americanas/os. Porque o Vale é altamente dependente da agricultura e do varejo mexicanos, tem as maiores taxas de desemprego de toda a região fronteiriça; o Vale foi a região atingida mais duramente.¹¹

¹¹ Dos 22 municípios da fronteira, nos quatro estados fronteiriços, o município de Hidalgo (chamado assim em homenagem ao Padre Hidalgo, que foi assassinado em 1810, depois de incitar a revolta do México contra o domínio espanhol, sob a bandeira de *la Virgen de Guadalupe*) é, entre todos da nação, o mais atingido pela pobreza, assim como o maior abrigo (ao lado de Imperial, na Califórnia) para agricultores migrantes. Foi ali que nasci e me criei. Fico pasmada ao ver que tanto Hidalgo como eu sobrevivemos.

“Tem sido um ano ruim para o milho”, diz o meu irmão, Nune. Enquanto ele fala, lembro de meu pai esquadrinhando o céu, com esperança de uma chuva que

pusesse fim à seca, examinando o céu, dia após dia, enquanto o milho definhava no pé. Meu pai morreu há 29 anos, e trabalhou até a morte. A expectativa de vida de um agricultor mexicano é de 56 anos – ele viveu 38. Fico chocada por estar mais velha que ele. Eu, também, vasculho o céu, procurando chuva. Como os antigos, adoro a chuva e a deusa do milho, mas, diferentemente do meu pai, recuperei seus nomes. Agora, oferece-se pela chuva (irrigação) não um sacrifício de sangue, mas de dinheiro.

“A agricultura vai mal”, diz o meu irmão. “De dois a três mil fazendeiros de pequeno e grande porte foram à falência nesse país, no último ano. Seis anos atrás, o milho estava cotado a \$ 8,00 cada 45 kg”, ele continua. “Esse ano, está cotado a \$ 3, 90 cada 45 kg.” E, penso comigo, considerando a inflação, não plantar nada nos coloca na frente.

Vou até o quintal, presto atenção a *los rosales de mamá*. Ela quer que eu a ajude a podar as roseiras, retirar o tapete de grama que as está sufocando. *Mamagrande Ramona también tenía rosales*. Aqui, toda/o mexicana/o cultiva flores. Se não possuem um pedaço de chão, usam pneus de carros, jarros, latas, caixas de sapatos. Rosas são as flores preferidas das/os mexicanas/os. Penso, tão simbólico – com espinhos e tudo.

Sim, o chicano e a chicana sempre cuidaram de cultivar coisas e a terra. Mais uma vez, vejo nós quatro, crianças, descendo do ônibus escolar, vestindo nossas roupas de trabalho, caminhando para o campo com Papi e Mamí, nós seis nos curvando em direção ao chão. Abaixo de nossos pés, sob a terra, estão as sementes de melão. Nós as cobrimos com pratos de papel, colocando *terremotes* em cima das folhas para que não sejam levadas pelo vento. Os pratos protegem as sementes do frio. No dia seguinte, ou no outro, removemos os pratos, expomos os pequeninos brotos verdes aos elementos. Eles sobrevivem e crescem, dão frutos centenas de vezes maiores que as sementes. Nós os regamos e capinamos. Colhemo-los. As vinhas secam, estragam, desaparecem com o arado. Crescimento, morte, deterioração, nascimento. O solo é preparado infinitas vezes, fecundado, arado. Uma constante mudança de formas, *renacimientos de la tierra madre*.

Esta terra foi mexicana uma vez
foi indígena sempre
e é.
E será novamente.

Referências bibliográficas

- GILLIAN, Harold. "Searching for a New World View." *This World*, January, 1981.
- ROTHENBERG, Albert. *The Creative Process in Art, Science, and Other Fields*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1979.
- VALDÉS, Gina. *Puentes y Fronteras: Coplas Chicanas*. Los Angeles, CA: Castle Lithograph, 1982.
- VASCONCELOS, Jose. *La Raza Cósmica: Misión de La Raza Ibero-Americana*. México: Aguilar S.A. de Ediciones, 1961.
- WILHELM, Richard. *The I Ching or the Book of Changes*. Trad.: Cary F. Baynes. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1959.

Tradução de Ana Cecília Acioli Lima
Revisão de Susana Bornéo Funck